

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA ETNOGRÁFICO DO MARQUÊS DE WAVRIN
30 de Março de 2022

VENEZUELA, PETITE VENISE / 1937

Um filme do Marquês de Wavrin

Realização: Marquês Robert de Wavrin

Cópia: dcp, preto e branco, com narração em francês, legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 55 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Sessão apresentada por Grace Winter.

Venezuela, Petite Venise foi o último do conjunto de filmes que o Marquês de Wavrin fez a partir das suas expedições na América do Sul entre o princípio dos anos 20 e o final dos anos 1930. Recuperando a origem lendária ou semi-lendária do nome do país – ao ver as casas construídas sobre a água que o filme mostra sobretudo na sua parte final, Vespúcio ter-se-ia lembrado do seu país natal e chamado “Venezinha” à região – o filme do Marquês é o produto – ou o pretexto – de uma expedição ao longo do rio Orinoco rumo à sua fonte, até então ainda desconhecida ou pelo menos nunca visitada. Continuou assim, porque o Marquês também não chegou à fonte do Orinoco, o que não impede que a viagem deva ter sido uma experiência maravilhosa. É menos maravilhoso, o filme, para sermos francos. Da obra do Marquês deve ser o exemplar menos *enformado*, mais concebido a partir de uma lógica que não está muito distante da do “filme de actualidades”, uma espécie de “travelogue” por diferentes aspectos da geografia (natural, humana e animal) da Venezuela que nunca perde realmente muito tempo em lugar nenhum e acaba por se parecer mais com um resumo “turístico” da aventura e das observações do Marquês do que com um ensaio etnográfico, ou de outro tipo, convicto da sua essência. Aliás, o comentário off, onnipresente, mergulha frequentemente num sensacionalismo de feira, e nem sempre evita certos vícios do cinema etnográfico, sobretudo do mais antigo, no olhar sobre povos distantes que o eurocentrismo considera, no mínimo, “menos civilizados”, e segundo nos informam Christine Moderbacher e Grace Winter no seu livro *The Life and Work of the Marquis Robert de Wavrin, Early Visual Anthropologist*, a banalidade do comentário não passou despercebida sequer aos contemporâneos da estreia do filme em Bruxelas, em 1937, tendo sido então o aspecto mais criticado pela imprensa que recenseou o filme.

Espécie de cadernos de apontamentos, **Venezuela, Petite Venise** – que não agradou ao governo venezuelano, incomodado com o interesse do Marquês nos povos indígenas em vez de registar os “progressos” na “modernização” do país – vive muito de momentos, por exemplo alguns planos em que o filme deixa os índios Yukpa “respirar”, sem os afogar nas considerações (muito “nós” vs. “eles”) do comentário, e quase todos os segmentos que se reportam a aspectos da natureza, sejam as águas, a vegetação ou os animais (como a sequência com as tartarugas). De certa, forma, em todas as suas contradições, acabou por ser uma boa ilustração desta passagem de Moderbacher e Winter no livro que citámos: “*O que torna interessante a obra de Wavrin, então, é a co-existência de dois registos paradoxais: o cliché do 'explorador branco' conduzido pelo desejo de descobrir o 'exótico' e o 'desconhecido', e que se refere aos povos indígenas como 'selvagens', mas que ao mesmo tempo se abstém de reproduzir os estereótipos racistas e misóginos que tantos viajantes levaram para os seus trabalhos de campo. Esta contradição está presente em toda a sua obra; chama 'primitivas' ou 'selvagens' às pessoas mas em simultâneo critica 'os civilizados', que sempre se acham superiores àqueles que são o objecto do seu 'estudo'*”.

Luís Miguel Oliveira